

A TÉ A DATA de publicação deste artigo, a resposta militar americana aos ataques do dia 11 de setembro de 2001 limitou-se à guerra no Afeganistão. Talvez seja muito cedo para determinar as lições aprendidas, mas não é muito cedo para avaliar se fomos ou não bem-sucedidos no combate da Guerra de Quarta Geração (*4GW—Fourth Generation Warfare*), à medida que as operações se desenrolam no Afeganistão contra o Talibã ou o grupo Al Qaeda. Também não é muito cedo para adaptar nossas táticas, técnicas e até mesmo “a nossa forma de combater” para lutar contra um inimigo falaz, determinado e letal, que opera fora da estrutura da sua nação.

Enquanto nossos inimigos estão adaptando seus métodos de guerra, operando fora da estrutura da nação-estado, nós operamos, na maioria dos casos, como forças armadas da segunda geração militar, tentando combater adversários de 4ª geração. As FA americanas ainda têm de fazer a transição da 2ª para a 3ª geração de guerra, embora tanto o Exército como o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) tenham considerado os conceitos de guerra de manobra na década de 1980 antes de reincidir no estilo mais confortável da guerra de desgaste.¹ Nos defrontamos com o desafio imediato de restaurar nossos esforços na guerra de manobra de 3ª geração para acomodar os desafios existentes no combate da guerra de 4ª geração.

Esse trabalho irá reintroduzir os leitores aos primeiros sinais da guerra de 4ª geração após 11 de setembro; esboçar as táticas bem-sucedidas e as desvantagens do combate na guerra de 4ª geração; e fornecer um relatório antecipado sobre as nossas operações táticas e operacionais no Afeganistão. Entretanto, não tentaremos prover

“soluções escolares” ou uma fórmula para derrotar os inimigos que empregam a guerra de 4ª geração, pois não existem.

É importante advertir que ainda não temos informação sobre a veracidade dos fatos ocorridos no Afeganistão. Até agora, temos dependido do que foi publicado nos jornais (em geral pouco confiável e uma interpretação muito ocidental do que aconteceu), das palestras apresentadas pelo Pentágono (não totalmente imparciais) e alguns relatórios anedóticos recebidos dos combatentes aliados. Temos pouquíssimos dados disseminados pelo Talibã ou Al Qaeda.

Sabemos que a ameaça é global. Existem centenas de grupos terroristas e outros temíveis inimigos que aprenderam, com os acontecimentos de 11 de setembro, como atacar a estrutura de uma nação-estado e o seu povo a um custo muito baixo. Eles tentarão reaplicar essas lições através de meios ainda não imaginados contra as nações estabelecidas — não apenas os Estados Unidos.² O objetivo dos praticantes da guerra de 4ª geração é gerar medo, caos e o colapso da sociedade-alvo de dentro para fora. A ameaça existe, desde a extremidade da América Latina até os confins da Sibéria.

A Al Qaeda é apenas um dos grupos terroristas que emprega a guerra de 4ª geração. Sem dúvida, dentro desse grupo, existem células compartimentadas em todo o mundo. Essa extensa rede possui ligações mais ou menos frouxas com células financeiras, políticas, de propaganda, latentes e de assalto, bem como uma estrutura não ocidental que pouco entendemos. A rede Al Qaeda conta com simpatizantes em todo o mundo islâmico. Outros grupos terroristas talvez não sejam tão bem organizados, mas com o emprego da técnica comunista

Resposta Militar à Quarta Geração de Guerra no Afeganistão

Tenente-Coronel (Res) Greg Wilcox, Exército dos EUA e Coronel (Res) G. I. Wilson, CFN dos EUA

Traduzido de uma publicação eletrônica do *Emergency Response and Research Institute*, 5 de maio de 2002



de frentes unidas, eles podem criar redes eficazes, como o Sendero Luminoso, no Peru, baseado nos princípios maoístas e ligado aos cartéis de droga colombianos.

Outro exemplo é a pirataria, a qual poderia ser chamada de terrorismo marítimo, apesar de que terroristas e piratas são impelidos por diferentes motivos. Segundo o Capitão de Navio (Res) William Carpenter, piratas agem por ambição, ao passo que o objetivo dos terroristas é político. Atualmente, há uma grande necessidade de estudar os problemas de como relatar, analisar e projetar métodos de resposta. A velha definição de pirataria descreve essa atividade como atos cometidos em alto mar, mas deve ser ampliada para incluir incidentes em águas territoriais ou em portos.³

Entretanto, o tempo está contra nós. Duas situações mudam essa equação. A aquisição de armas de destruição em massa pelos referidos grupos terroristas e seus estados protetores, em conjunto com a introdução de um grande número de jovens ávidos por serem homens-bomba, são uma grande prova de que estamos enfrentando um novo tipo de guerra, com pouco tempo para reagir. Bombas nucleares rudimentares, armas químicas e agentes biológicos são fáceis de produzir, uma vez obtidos os materiais essenciais, e a tecnologia para a fabricação de tais armas está sendo disseminada na internet à velocidade da luz. O transporte e emprego de tais armas são muito fáceis.

Pequenos grupos dispersos de homens-bomba (incluindo mulheres e crianças) que atuam independentemente, apoiados por grupos sociais e patrocinadores, não só podem como irão alterar o equilíbrio do poder como o conhecemos. Tais grupos podem facilmente atacar alvos vulneráveis como centros comerciais, hospitais, jardins de infância, parques de diversões, praças de alimentação, sistemas de transportes e comunicações, eventos dos meios de comunicações e esportivos, concertos, escritórios públicos, demonstrações pacíficas nas ruas, passageiros em aeroportos, etc. Fomos vítimas desses ataques no passado: aquartelamento dos fuzileiros navais no Líbano, as Torres Kohbar na Arábia Saudita e o navio *USS Cole* no Yemen. Contudo, foram os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro que alarmaram os Estados Unidos. Israel também tem sido vítima desses ataques durante longo tempo, mas a frequência destes ataques tem aumentado nos últimos anos. O aparente sucesso da guerra de 4ª geração nos EUA e em Israel tem encorajado um maior número de homens-bomba voluntários e renovado os esforços da aquisição de armas de destruição em massa.

As medidas preventivas contra os terroristas se encontram entre as novas realidades e constituem uma das necessidades operacionais do século XXI. Aparentemente, as operações urbanas, o crime, o terrorismo e a guerra de 4ª geração são agora parte do mesmo ambiente operacional. Pode-se observar o surgimento e a mudança

de formas de violência, conflito e guerra. A nebulosidade do crime, da paz e da guerra, o declínio da nação-estado e o aumento do terrorismo letal faz parte desta tumultuosa fermentação.

A guerra de 4ª geração está se manifestando em redes altamente compartimentadas, celulares e predadoras que operam fora da estrutura das nações-estado. Como podemos combater e vencer a luta contra um inimigo indefinido? Na realidade, como sabemos que vencemos? Essas e outras perguntas continuam sem resposta. Até agora não sabemos. Este artigo limita-se às operações militares e táticas no Afeganistão mas, para poder-se avaliar o trabalho lá realizado, devemos entender a grande estratégia, a qual é inseparável das operações e táticas empregadas.

O que é Exatamente Guerra de 4ª Geração?

Poucos conhecem o significado de guerra de 4ª geração. Dentro das FA, alguns indivíduos têm um leve conhecimento do termo, mas precisam de mais esclarecimento. Um grupo mais específico tem conhecimento mais profundo desse conceito. Esse grupo é composto de

A ameaça é global. Existem centenas de grupos terroristas e outros temíveis inimigos que aprenderam, com os acontecimentos de 11 de setembro, como atacar a estrutura de uma nação-estado e o seu povo a um custo muito baixo. Eles tentarão reaplicar essas lições através de meios ainda não imaginados contra as nações estabelecidas — não apenas os Estados Unidos. O objetivo dos praticantes da guerra de 4ª geração é gerar medo, caos e o colapso da sociedade-alvo de dentro para fora. A ameaça existe, desde a extremidade da América Latina até os confins da Sibéria.

reformadores militares que se perguntaram: “O que se pode esperar da guerra no século XXI, e como ela afeta as forças militares americanas?”

Na década de 1980, John Boyd, coronel aposentado da Força Aérea americana e William S. Lind, ex-auxiliar do Senado, introduziram várias idéias provocativas no pensamento militar formal dos EUA.

Algumas das idéias de Boyd ainda se encontram em uso numa forma não muito elegante, como por exemplo o conhecido ciclo *OODA* (*observe, oriente, decida e aja*).⁴ O pequeno panfleto de Lind sobre a guerra de manobra é considerado um clássico.⁵ Algumas reformas foram

aceitas por um certo tempo, tal como a necessidade da guerra de manobra ao invés da guerra de desgaste. Curiosamente, a Força Aérea, o serviço a que pertencia Boyd, nunca sequer olhou as idéias do velho aviador.

O Exército empregou algumas idéias na versão de 1982 da Doutrina da Batalha Ar-Terra (*FM-100-5*), mas foram os Fuzileiros Navais que mais se interessaram pelos conceitos e idéias da doutrina de manobra. Lind envolveu-se muito com a educação do CFN e muitos debates sobre o futuro da guerra ocorreram na revista *Marine Corps Gazette* e nas salas de aulas das escolas do CFN. Contudo, no limiar do século, o Exército e o CFN deixaram de abordar o assunto. No entanto, os eventos do dia 11 de setembro novamente reacenderam os debates.

Então, o que significa guerra de geração e quais as suas características?

A Guerra de Primeira Geração refletia as táticas e a tecnologia da época do mosquete de alma lisa e de Napoleão. As táticas eram de linha, coluna e exércitos de massa. Segundo os autores ainda hoje existem vestígios da guerra de primeira geração quando se exige linearidade e rígida aderência à ordem unida e cerimônias. As linhas de combate em Gettysburg são reminescentes da primeira geração de guerra, com linhas regulares e cargas em massa contra as bocas dos canhões.

Em outubro de 1989, Lind, o Cel Keith Nightengale, o Cap John F. Schmitt (CFN), o Cel Joseph W. Sutton e o TC Gary I. Wilson (CFN) abordaram esse assunto na *Marine Corps Gazette* com o artigo: *The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*.⁶ Nesse artigo inicial os autores apresentaram a pergunta: “Quais serão as características da guerra futura?” A fim de responder essa pergunta os autores começaram por definir quais eram as características da guerra no passado recente. Pesquisaram os eventos significativos na história militar recente que tiveram alguma influência na maneira como a guerra era travada. Em suma, eles observaram três gerações de guerra e uma quarta a caminho.

A Guerra de Primeira Geração refletia as táticas e a tecnologia da época do mosquete de alma lisa e de Napoleão. As táticas eram de linha, coluna e exércitos de massa. Segundo os autores ainda hoje existem vestígios da guerra de primeira geração quando se exige linearidade e rígida aderência à ordem unida e cerimônias. As linhas de combate em Gettysburg são reminescentes da primeira geração de guerra, com linhas regulares e cargas em massa contra as bocas dos canhões.

Vale a pena notar que aquelas civilizações que não aderiram a essa mudança de geração de guerra foram rapidamente dominadas e, em muitos casos, colonizadas. As nações européias, que tiraram proveito desse novo tipo de guerra, dominaram países muito maiores como a Índia.

A Guerra de Segunda Geração, como definida pelos autores e aqui sintetizada, foi uma resposta aos melhoramentos no poder de fogo e nos transportes, particularmente na estrada de ferro. Foi baseada em fogo e movimento, mas na realidade, ainda era guerra de desgaste, pois preconizava grande aplicação de poder de fogo. Os autores eram de opinião que guerra de segunda geração é “...ainda praticada pela maioria das unidades americanas em campanha”. Taticamente, a I Guerra Mundial, como foi executada pelos franceses e britânicos, e o Vietnã pelos americanos, foram guerras de segunda geração.

A Guerra de Terceira Geração foi também vista como uma resposta ao aumento de poder de fogo no campo de batalha. Entretanto, a diferença foi a ênfase dada à manobra e à guerra não-linear. Em outras palavras, além do aperfeiçoamento da tecnologia, a guerra de terceira geração foi baseada mais em idéias do que em tecnologia. A *blitzkrieg* alemã e mais tarde as operações russas durante a II Guerra Mundial foram consideradas como um grande avanço estratégico para derrotar os exércitos industrializados e mais armados do mundo.

Baseados nessas idéias, os autores apresentaram a hipótese da Guerra de 4ª Geração. Esse estilo de guerra foi baseado em tendências identificadas nas primeiras gerações. Eles acreditam que a guerra futura poderia ser caracterizada por: forças de ação muito pequenas e independentes ou células que atuem com base em ordens tipo missão, uma menor dependência de apoio logístico, maior ênfase na manobra, e objetivos psicológicos ao invés de físicos. Esse último objetivo de guerra psicológica significaria que o desejo de lutar do inimigo tinha de ser solapado internamente.

Os autores afirmaram que os conceitos da “guerra de 4ª geração podiam ser adotados pelo terrorismo”. Eles *não* propuseram que o terrorismo era a 4ª geração. Pelo contrário, sugeriram que o terrorismo tiraria vantagem da guerra de 4ª geração.

Finalmente os autores identificaram três formas básicas da guerra de 4ª geração:

- A perda do monopólio da guerra pela nação-estado;
- O retorno a um mundo de culturas e estados em conflito, e
- Fracionamento interno/divisão étnica, religiosa e grupos com interesses especiais dentro da nossa própria sociedade.

Em um conjunto de previsões assombrosas, os autores sugeriram que na guerra de 4ª geração:



Departamento de Defesa

As torres Khobar, na Arábia Saudita, depois do ataque de um homem bomba.

- Haverá uma mudança de enfoque, da frente para a retaguarda inimiga;
- Eles tirarão proveito da abertura proporcionada pela liberdade;
- Os praticantes da guerra de 4ª geração procurarão empregar o poder de combate do inimigo contra ele próprio, e finalmente
- Será necessário um orçamento muito grande para travar uma guerra de 4ª geração.⁷

Tudo isso foi apresentado no artigo publicado em 1989. Em retrospecto, deveríamos ter prestado muito mais atenção a esse artigo naquela época. Usando a revista *Marine Corps Gazette* como um foro, foram publicados posteriormente vários artigos sobre o mesmo tema: *The Evolution of War: The Fourth Generation*,⁸ e *Fourth Generation Warfare: Another Look*.⁹ Esses artigos foram ignorados, em sua maioria, tanto pelos profissionais das armas americanos como pelo público. Infelizmente, como aprendemos mais tarde, as previsões da guerra de 4ª geração estavam corretas.

Em um recente artigo publicado originalmente no *Defense Week*, Harold Gould e Franklin Spinney escreveram *Fourth-Generation Warfare is Here*¹⁰ (A Guerra de Quarta Geração já Chegou). Os autores indicaram que os terroristas foram capazes de obscurecer a distinção entre a paz e a guerra e eliminar a distinção entre civis

e militares. Abreviando o termo guerra de 4ª geração para 4GW eles clamaram por uma retaliação que seria uma abordagem racional e coordenada para suprimir o *casus belli* e eliminar a ameaça. Gould e Spinney sugeriu-

Fomos vítimas desses ataques no passado: aquartelamento dos fuzileiros navais no Líbano, as Torres Kohbar na Arábia Saudita e o navio USS Cole no Yemen. Contudo, foram os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro que alarmaram os Estados Unidos. Israel também tem sido vítima desses ataques durante longo tempo, mas a frequência destes ataques tem aumentado nos últimos anos.

ram que os Estados Unidos, e toda a ordem mundial, se encontram agora em uma “nova era” de guerra; e essa era é da 4GW, da mesma forma que a música de roque, está aqui para ficar.

Pequenos grupos empregando ordens tipo missão foram os que executaram os ataques de 11 de setembro. Existem boatos que apenas alguns dos atacantes realmente sabiam da extensão da missão. Havia muito pouca

dependência de qualquer apoio do grupo Al Qaeda além de um pouco de dinheiro. O FBI estima que os ataques de 11 de setembro custaram aproximadamente \$500.000 dólares.¹¹ A ênfase dos atacantes foi manobrar contra os símbolos principais da sociedade americana: o edifício do *World Trade Center*, o Pentágono, e mais provavelmente a Casa Branca ou o Capitólio. E, como sabemos agora, dos lábios de Osama bin Laden, o objetivo era o colapso interno da sociedade americana.

As horrendas previsões que foram descartadas por muitos há uma década como irrelevantes, acabaram acontecendo. Estamos em guerra com um inimigo muito esperto, cuja intenção é causar danos cataclísmicos aos americanos e à sua forma de vida. A pergunta é, devemos

A Guerra de Segunda Geração, como definida pelos autores e aqui sintetizada, foi uma resposta aos melhoramentos no poder de fogo e nos transportes, particularmente na estrada de ferro. Foi baseada em fogo e movimento, mas na realidade, ainda era guerra de desgaste, pois preconizava grande aplicação de poder de fogo.

combater a 4GW empregando os próprios preceitos da 4GW ou os de gerações de guerra anteriores aumentadas por outras ferramentas?

O Caso do Afeganistão

Após o dia 11 de setembro, os Estados Unidos concentraram-se no Afeganistão, onde se refugiava bin Laden sob o regime do Talibã. Devido à necessidade de agir e para evitar qualquer outro ataque contra a nação, o governo americano decidiu, desde o início, entrar em guerra contra o grupo Al Qaeda no Afeganistão. O QG do Al Qaeda lá se encontrava e era apoiado pelo Talibã. Sabia-se também que grupos terroristas refugiavam-se em outros estados, mas o grande chefe parecia estar no Afeganistão.

Estratégia

Desde o início o Presidente George W. Bush abordou o tema da indistinção da guerra conduzida por atores não estatais. Ele também falou sobre os problemas anclares de estados que apóiam os grupos terroristas. Aglutinando todos os recursos do seu gabinete, o Congresso e a grande maioria do povo americano, o Presidente entendeu a ameaça à nossa sociedade e tomou os passos iniciais para tratar decisivamente da situação, por um longo período de tempo. Fora criada uma nova estratégia para enfrentar o terrorismo global.

No passado, não havia resposta nacional ou internacional contra atos terroristas. Os americanos são impa-

cientes por natureza. Não estão acostumados a escutar do Presidente que uma certa coisa vai levar tempo para ser completada. Entretanto, neste caso, a mensagem foi clara e ouvida pelo povo. A Al Qaeda acordou o “gigante adormecido”.

Em retrospecto, para o povo americano, o gigante adormecido voltou a dormir. A diferença se concentra principalmente no governo e nas suas iniciativas. Embora os americanos estejam conscientes da guerra, como podemos ver todas as noites pela televisão e a inconveniência apresentada pelos sistemas de segurança nos aeroportos, não houve nenhuma corrida dos jovens para se alistarem no exército, como foi o caso após Pearl Harbor. O fervor patriótico declinou à medida que as bandeiras começaram a desbotar.

A administração do Presidente Bush reconheceu que qualquer resposta à 4GW teria de ser uma guerra global, não apenas uma resposta militar. Bush também preveniu que seria uma longa guerra. Embora exista dúvida que algum membro da atual administração reconheça o termo 4GW, eles sabiam e empregaram o termo “guerra assimétrica”, utilizado nos estudos realizados do “Exército Após o Próximo” sugerindo as guerras entre Davi e Golias — descrevendo a nossa vulnerabilidade aos ataques não convencionais. A Administração também sabia o que era necessário fazer para combater o inimigo, e se moveu naquela direção. A estratégia incluiu um grande esforço para a coleta de inteligência, envolvendo muitas nações e fontes diferentes. O preço que pagamos por ignorar a inteligência humana (*human intelligence* — *HUMINT*) e cultural a favor da inteligência técnica (*technical intelligence* — *TECHINT*), durante o último meio século, foi finalmente reconhecido.

À medida que aprendemos mais sobre os atacantes, alguns também aprendem o quanto os terroristas adaptaram-se às formas da 4GW identificadas anteriormente por Lind e seus colegas.¹² Sem dúvida alguma, os terroristas de Osama bin Laden e do Al Qaeda sabiam o que estavam fazendo.¹³ Sua intenção era causar severos danos à economia americana, e o pouco que causaram poderá deixar uma cicatriz permanente na liberdade de uma república democrática e na sua economia capitalista. O dano total causado à nossa liberdade e economia ainda não foi totalmente avaliado.

Para evitar que os atentados terroristas se transformem, de um ato singular para uma guerra religiosa, a Administração Bush teve de cuidadosamente isolar os terroristas. Isso foi feito por uma combinação de declarações públicas e de diplomacia. O Tenente-Coronel do CFN Hammes descreveu essa ação no seu artigo, escrito em 1994, como “guerra de rede” (*netwars*).

Uma guerra de rede pode concentrar-se na opinião pública ou da elite, ou em ambas. Poderá envolver medidas de diplomacia pública, propaganda e campanhas psi-



Departamento de Defesa

Uma foto japonesa tirada durante o ataque a Pearl Harbor. A fumaça à distância vem do campo de aterrissagem Hickam.

cológicas, subversão política ou cultural, dissimulação ou interferência na mídia local, infiltração nas redes de computadores ou em seus bancos de dados e esforços para incentivar movimentos dissidentes ou de oposição através de redes de computadores.¹⁴

Ao que parece, a Administração Bush tomou emprestado de Hammes o conceito de guerra de rede mas, na realidade, provavelmente nunca leu nenhum dos artigos que abordam o assunto da 4GW. Uma guerra religiosa não fazia parte dos interesses dos EUA. O uso da diplomacia, bem como de discursos e política internos, foram bem-sucedidos em evitar uma guerra religiosa.

Parte do problema foi o público americano, que viu somente os rostos de árabes como os autores dos ataques e as multidões jubilosas de árabes no canal de TV CNN. A Administração se defrontava com um problema educacional, tanto de seus cidadãos como do mundo islâmico.

A retórica da Administração foi anunciada em termos claros: “Vocês estão conosco ou contra nós!” Embora a Administração percebesse a irracionalidade dessa afirmação, racionalizou dizendo que a mensagem deveria ser enviada para todo o mundo, que a nação mais poderosa do mundo não toleraria que nenhuma nação-estado desse apoio aos terroristas. Além disso, os EUA apresentaram um forte argumento ao explicar que iriam imediatamente à caça dos terroristas ao invés de esperar até mais tarde,

quando então haveria a possibilidade de os mesmos obterem armas nucleares.

Isso fez parte de um esforço de guerra de informação muito utilizado, desde o início, por ambos os lados. Osama bin Laden fez uso de vídeos, enviados para a rede de televisão Al Jazeera, para que sua mensagem explicando porque atacava os infieis e a necessidade de uma guerra santa (*jiha*d) fosse disseminada para o mundo islâmico. As fitas deixaram de ser enviadas poucos meses após o início das ações militares no Afeganistão, dando virtualmente aos americanos um monopólio na guerra de informação.

À medida que a inteligência começou a surgir, ficou claro que o grupo Al Qaeda não era somente militante, era também empresarial. Havia um sistema bancário terrorista, com intermediários e “becos sem saída”. Os regulamentos mais estritos das instituições bancárias internacionais tiveram de ser quebrados para que fosse possível inspecionar e investigar as contas. Tal fato nunca aconteceu antes e, embora fosse necessária alguma coerção, os resultados pelo menos permitiram seguir a pista de algumas das redes bancárias terroristas.¹⁵ Continuamos encontrando sinais de transações financeiras e bloqueios de informações, mas a técnica de “acompanhar o dinheiro” tem apresentado resultados.

A resposta militar foi apenas parte de uma resposta

estratégica muito maior, que ainda continua e requer coordenação contínua. O que normalmente se vê nos canais da CNN e da Fox News é ação militar ou comunicados do Pentágono, mas por trás do pano, há uma considerável atividade de guerra que passa despercebida. Esse esforço coordenado não acontecia desde a II Guerra Mundial.

O uso liberal de dinheiro também não prejudicou. A economia nacional contava com um superávit de vários trilhões antes de 11 de setembro. Esse dinheiro foi gasto. Também foi feito um empréstimo contra o futuro para reparar os danos nacionais e internacionais. As principais companhias aéreas foram apoiadas com um uso liberal de dinheiro. A segurança dos aeroportos passou a ser feita por funcionários governamentais. Os países estrangeiros receberam dinheiro para apoiar nosso esforço. Nunca se

A Guerra de Terceira Geração foi também vista como uma resposta ao aumento de poder de fogo no campo de batalha. Entretanto, a diferença foi a ênfase dada à manobra e à guerra não-linear. Em outras palavras, além do aperfeiçoamento da tecnologia, a guerra de terceira geração foi baseada mais em idéias do que em tecnologia. A blitzkrieg alemã e mais tarde as operações russas durante a II Guerra Mundial foram consideradas como um grande avanço estratégico para derrotar os exércitos industrializados e mais armados do mundo.

saberá exatamente a soma gasta com esse plano, mas é muito provável que o nosso acesso a bases em países como o Paquistão e outros naquela área foi garantido com esses recursos.

Também compramos inteligência e informação básica. As operações, no Afeganistão e ao seu redor, precisavam de recursos — a Administração proporcionou o dinheiro necessário para dar início às operações e o Congresso alocou a verba necessária para apoiar a continuação do esforço, como solicitado pela Administração.

Com toda essa infra-estrutura, a Grande Estratégia coordenada, improvisada ao início, começou bem. Ela inclui todos os elementos para apoiar operações militares bem-sucedidas contra o inimigo terrorista num sem-número de frentes. No entanto, a implementação é difícil contra esse tipo de inimigo e, além disso, pode ser ainda mais difícil com aliados como os israelenses. A situação existente na Palestina extrapola o prosseguimento desta guerra contra o terrorismo e pode chegar a ser a solução determinante para o êxito da grande estratégia americana se o assunto palestino passar a ser o foco

predominante da Administração. No caso da Palestina, é possível que estejamos no papel de receptor da idéia *OODA* de Boyd em relação à estratégia.

Operações

O teatro de guerra é muitas vezes identificado como o nível operacional da guerra, no pensamento militar atual. Embora se encontrem presentes no teatro vários funcionários do governo, como embaixadores, funcionários diplomáticos, agentes da CIA e varias outras agências, o comandante militar ainda é a pessoa encarregada do envolvimento norte-americano. Neste caso, o Comando Central (*CENTCOM*) foi a autoridade militar no Afeganistão. Seu QG está situado em Tampa, Flórida, principalmente devido às dificuldades de se obter um país anfitrião no Oriente Médio.

A terceira divisão da doutrina é a tática. O termo “tática” normalmente significa a condução da guerra — geralmente no nível batalhão e inferiores. No entanto, nesta guerra houve uma dissipação das divisões convenientes da guerra, que estiveram presentes nas estruturas convencionais de guerra antes do princípio da era de comunicações por satélites. O que o jovem soldado ou sargento faz no campo talvez possa afetar a estratégia (ou a grande estratégia) nos níveis mais altos. Da mesma forma, o Presidente pode agora dirigir as ações dos soldados e sargentos se assim desejar. Os meios de comunicação transformaram o que uma vez foi domínio dos generais em uma descrição apresentada cada noite sobre “como anda a guerra”. O Secretário de Defesa e o Chefe do Estado-Maior Conjunto têm de argumentar contra os esforços potenciais de desinformação mediante apresentações aos membros da imprensa — possivelmente devotando mais tempo às relações públicas do que ao processo decisório.

Então a guerra assumiu uma mescla confusa de estratégia, operações e táticas num ambiente de quarta geração. Da mesma forma que no Vietnã, existem algumas semelhanças notáveis:

- Um inimigo esquivo que não trava a guerra de forma honrosa
- Terreno acidentado
- Aliados duvidosos
- Identificação problemática de amigos e inimigos
- Guerreiros inimigos experimentados e insensíveis
- Forças inimigas clandestinas
- Refúgios (as zonas fronteiriças do Irã e Paquistão)
- Aeronaves: caça-bombardeiros, *B-52*, *AC-130*, e helicópteros
- Deslocamento de FOPesp para assessorar os aliados e realizar operações
- Emprego de forças convencionais para proteger bases e realizar operações.

Não se deve dar muita importância à comparação com o Vietnã, mas já estivemos nestas circunstâncias



Departamento de Defesa

O Comandante do Comando Central dos EUA diante de membros da imprensa em Tampa, Flórida.

no passado com um resultado questionável. As diferenças podem ser mais importantes do que as similitudes.

Até agora, uma das diferenças mais significativas é que os EUA têm resistido à tentação de envolver muitas forças terrestres no combate. Atualmente, se encontram no Afeganistão uns 6.000 soldados norte-americanos, em comparação com o máximo número de forças de 550.000 no Vietnã. Segundo o jornal *Washington Times*, o General Tommy Franks, intencionalmente, mantém somente o mínimo de forças necessárias para evitar apresentar aos combatentes do Al-Qaeda e do Talibã objetivos lucrativos.¹⁶ Se necessário, seria mais fácil os EUA retirarem 6.000 tropas do que 600.000. Uma presença operacional reduzida oferece mais opções estratégicas.

As Quatro Fases da Guerra até Agora

Até a data de publicação deste artigo, abril de 2002, ocorreu o que pode ser descrito como quatro fases da guerra no Afeganistão: A primeira fase foi muito curta, onde aplicamos somente o poder aéreo e tivemos pouco êxito. A introdução das FOPEsp para apoiar as forças da aliança, marcou o começo da segunda fase. Em conjunto com as operações terrestres da Aliança do Norte, equipada pelos russos e financiada pelos EUA, nossas FOPEsp

obtiveram êxito ao desalojar os combatentes do Talibã e do Al Qaeda de suas posições defensivas convencionais. A terceira fase foi nas montanhas de Tora Bora, onde observamos que as ações das FOPEsp e de seus relutantes

O teatro de guerra é muitas vezes identificado como o nível operacional da guerra, no pensamento militar atual. Embora se encontrem presentes no teatro vários funcionários do governo, como embaixadores, funcionários diplomáticos, agentes da CIA e varias outras agências, o comandante militar ainda é a pessoa encarregada do envolvimento norte-americano. Neste caso, o Comando Central (CENTCOM) foi a autoridade militar no Afeganistão. Seu QG está situado em Tampa, Flórida, principalmente devido às dificuldades de se obter um país anfitrião no Oriente Médio.

aliados não foram suficientes para bloquear a fronteira com o Paquistão e para levar o combate ao inimigo nas cavernas. A quarta fase foi a Operação Anaconda, na qual empregamos as forças convencionais dos EUA, e pequenas

equipes de FOpEsp pertencentes às Forças Aliadas com as quais temos um relacionamento mais aproximado. Mesmo assim, tivemos que pedir auxílio de um chefe militar de um clã local para que nos ajudasse na missão de remover o inimigo de suas fortificações em Shah-i-Kot.¹⁷ Novamente, parece que o inimigo conseguiu desaparecer em direção ao outro lado da fronteira com o Paquistão. (Ver Quadro 1).

Se examinadas as quatro fases objetivamente, é evidente que as forças do Al Qaeda não estavam engajadas numa 4GW durante as primeiras fases da guerra. Elas se encontravam desdobradas em posições defensivas. Somente depois de derrubadas do poder foram capazes de travar a guerra de maneira mais eficaz para as suas forças: desde as cavernas e em pequenos grupos, contra uma força convencional.

O aspecto mais interessante da guerra até agora foi a capacidade das FOpEsp de operar neste ambiente. As FOpEsp puderam se “infiltrar” nas fileiras das Forças da Aliança e criar uma potente força moral; equilibrando o aspecto físico com o mental e moral. Estas equipes foram verdadeiramente adaptáveis e suas atividades permitiram o que William Lind chama de “exploração de arrasto”. Isto é, os elementos de exploração (as FOpEsp neste caso) arrastaram o resto da força em direção a menor resistência para obter uma considerável vitória através da manobra.¹⁸ Estavam capacitadas pela tecnologia a um nível nunca visto (comunicações diretas com aeronaves e munições dirigidas de precisão). Embora não devamos

minimizar as contribuições das novas tecnologias, o fato é que a diferença entre a ineficácia da primeira fase e a alta eficácia da segunda residia no soldado no terreno.

A ausência de comando, ao invés de sua presença, é uma característica interessante da segunda fase da guerra. Embora recebesse informações diárias do Afeganistão, era quase como se o Alto Comando (CENTCOM em Tampa, Flórida) esperasse as informações das equipes de FOpEsp, por meio de seus próprios canais, antes de difundir para o mundo o que estava ocorrendo. As fotos dramáticas dos soldados das FOpEsp em vários tipos de uniformes, montados em cavalos, mulas e viaturas QT no planalto, equipados com computadores portáteis (*laptop*), retratavam uma cena na qual estas valentes equipes, totalmente conscientes das intenções do comandante, exploraram, sempre que possível, os pontos fracos do Al Qaeda e do Talibã. Pelo menos, isso é o que parece ter ocorrido, baseado na informação que recebemos. Poucos dias depois, as FOpEsp e seus novos aliados conseguiram o equivalente ao que fez a *Blitzkrieg* alemã nas planícies da França durante a II GM, apesar de contra forças pouco armadas em comparação com os franceses. A rapidez com a qual nossas equipes de FOpEsp e os combatentes aliados realizaram suas façanhas foi impressionante, mas devemos ressaltar que as forças do Talibã e do Al Qaeda nunca foram adestradas nem organizadas para lutar a guerra convencional.

Há indícios de esperança de que com o emprego das FOpEsp no Afeganistão, ou seja, a utilização de pequenas

Fase	Características	Período	Resultado	Geração
I	Ataques aéreos contra alvos levantados por inteligência afegã.	7-20 Out 01	Ineficaz para desalojar o Talibã. Os terroristas mantiveram a iniciativa.	2GW (Atrito)
II	FOpEsp e a CIA no terreno para assessorar, coordenar o apoio aéreo aproximado, coletar dados e efetuar reconhecimento. Operações Adaptativas.	21 Out – 15 Dez 01	Muito eficazes em forçar o Talibã e o Al Qaeda para as montanhas. EUA e Aliados ganharam a iniciativa. Rapidamente limparam o país.	3GW (Manobra)
III	Al Qaeda localizado em posições fortificadas nas montanhas Tora Bora.	16 Jan – 18 Mar 02	Al Qaeda intimidou as Forças Aliadas, as quais “regressaram para casa” depois de haver declarado a vitória. Al Qaeda tomou a iniciativa dos Aliados.	4GW realizada por Al-Qaeda
IV	Forças convencionais dos EUA empregadas para desalojar o Al Qaeda das cavernas de Shah-i-Kot (Operação Anaconda).	15 Dez – 15 Jan 02	Ineficaz — muito similar à guerra Soviético-Afegã. O Al Qaeda arrebatou a iniciativa e escapou.	2GW (Atrito), empregada pelos EUA. Al Qaeda realizou 4GW

Quadro 1: As Fases da Guerra Antiterrorista no Afeganistão até março de 2002

células compostas de sargentos antigos comandados por líderes experientes, apoiadas por apoio aéreo especial e por aliados (alguns dos quais de aliança duvidosa) é possível que tenhamos estabelecido a fundação de uma força capaz de enfrentar tropas que empregam as táticas da *4GW*. Em vez de comprometer uma grande força convencional, que não comprovou a sua eficácia neste tipo de guerra, há um grande valor em investir sem reservas nas FOpEsp.

O combate nas montanhas de Tora Bora não demonstrou que as FOpEsp eram mais aptas que as forças convencionais empregadas na Operação Anaconda, mas uma pequena presença americana, em vez de grande, parece ser a maneira ideal para combater este tipo de adversário. Melhor dito, as operações Tora Bora e Anaconda demonstram que as FOpEsp são tão eficazes quanto uma grande força americana, com todos os meios de comando, controle e posicionamento.

A dúvida é: Por que envolver um grande número de forças convencionais dos EUA nestes tipos de combate? Parte da resposta é a busca do que se chamava anteriormente de “glória”. Todo bom comandante procura oportunidades para entrar em combate, não importa se ele é ou não o líder da força ideal. Se há combate, então marche rumo ao som dos canhões. Mas isto envolve mais do que glória.

O Exército recebeu muitas críticas quando não pôde desdobrar, em tempo oportuno, a Força-Tarefa *Hawk* na Albânia em apoio à Operação Kosovo. Muito criticado naquela ocasião, o Exército vem tentando demonstrar sua maturidade desde então. O combate perto de Shah-i-Kot parecia ser a oportunidade que o Exército estava esperando. Apesar dos atos individuais de heroísmo e da valentia inusitada da tropa e dos líderes de unidade, não resta dúvida de que o Exército estava mal preparado para o combate a grande altura, entre o terreno rochoso e as cavernas, e para enfrentar o frio extremo.¹⁹ Foi revelado recentemente que bin Laden estava no complexo de Tora Bora mas conseguiu escapar. Além disso, especulou-se que o fracasso em capturar ou matar bin Laden foi devido ao fato de que os EUA não empregaram um número suficiente de forças convencionais para bloquear as rotas de escape ao longo da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão.²⁰ Embora seja fácil para os estrategistas, que somente observam e não participam, concluir que se houvessem forças protegendo a fronteira bin Laden não poderia ter escapado, esta conclusão não corresponde ao que entendemos sobre as operações do inimigo quando opera como um guerrilheiro. Contam com misteriosas habilidades para evitar o contato quando querem evitá-lo. Neste terreno e a esta altura, provavelmente teriam sido necessárias várias divisões para bloquear as rotas de exfiltração, ao mesmo tempo em que teríamos que proteger nossa retaguarda contra ações guerrilheiras

partidas do Paquistão. O verdadeiro fracasso consistiu na má interpretação da inteligência cultural, que deveria ter nos informado que nossos questionáveis aliados não estavam prontos para combater. A motivação dos aliados deveria ter sido prioridade um. Há suspeitas que nossos assessores de FOpEsp tinham conhecimento disso e que provavelmente informaram pela cadeia de comando. Eventualmente, os chefes militares afegãos desdobraram suas forças, mas já era muito tarde.

As FA dos EUA, especialmente o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais, tinham sido deslocadas para bases no Afeganistão, mas não haviam sido desdobradas nas áreas de combate. Foi no vale de Shah-i-Kot que os generais dos EUA tiveram a primeira oportunidade de planejar e executar uma batalha de aniquilamento contra forças constituídas principalmente por elementos do Al Qaeda, empregando forças predominantemente americanas.

Infelizmente, a “vitória” da Operação Anaconda foi mais imaginária que real. Um grande número de combatentes do Al Qaeda escapou novamente, impedindo que fosse possível reivindicar uma verdadeira vitória por parte dos elementos da 101ª Divisão Aerotransportada, da 10ª Divisão de Montanha e das forças especiais aliadas. Tivemos de pedir o apoio de nossos aliados afegãos para efetuar as operações de limpeza nos complexos nas cavernas. Não somente os combatentes do Al Qaeda ridicularizaram os soldados americanos. Nossos aliados afegãos também não elogiaram o desempenho de nossos soldados.²¹ Pode-se concluir que os combatentes do Al Qaeda foram bem-sucedidos ao emboscar os americanos e ao escapar da área. A Operação Anaconda foi uma tentativa de criar um campo de batalha linear, por generais que pensavam de forma clausewitziana ao empregar os princípios da guerra de atrito contra um inimigo evasivo. Embora ainda não saibamos com certeza os resultados desta operação, está claro que esta batalha teve menor proporção do que se pensava, com base nos informes. Tentamos aplicar as táticas de *2GW* contra um inimigo que aplicava, outra vez, *4GW* (como no Vietnã), e o resultado foi um fracasso. Na verdade, proporcionou uma vitória moral para os combatentes do Al Qaeda, muitos dos quais escaparam ou continuaram escondidos.

Em vez de se adaptarem ao inimigo, em vez de serem flexíveis com respeito a sua reação, em vez de reconhecerem nossas limitações inerentes àquelas alturas, nossos generais desenvolveram uma guerra convencional clausewitziana que podiam entender e lutar, e perderam. Não perderam a batalha — o que perderam foi a iniciativa estratégica.

Pela primeira vez no Afeganistão, os generais do Exército passaram a controlar a mídia e regressaram à época do super otimismo e da contagem de cadáveres de outros tempos — perdendo a guerra de informação para o inimigo elusivo. Nossos próprios meios de comunicação rapidamente

demonstraram as contradições nas informações proporcionadas pelos generais e o Al Qaeda não precisou dizer sequer uma palavra. O Exército ainda está procurando recuperar o terreno perdido com a mídia resultante da batalha de Shah-i-Kot.

Sem dúvida alguma, as tropas que lutaram em Shah-i-Kot estavam bem adestradas. Contudo, adestradas para que tipo de guerra? As tropas, incluindo os elementos da 10ª Divisão de Montanha, provavelmente não foram aclimatadas à altura, e houve muitas dificuldades para prestar o apoio necessário. Porém, não houve falta de heroísmo.

Num incidente um *SEAL*, o suboficial de 1ª Classe Neil Roberts, caiu de um helicóptero *CH-47* que havia sido atingido por fogo terrestre. Embora fosse capturado e morto, seus camaradas não o deixaram abandonado no terreno. Seus amigos regressaram para recuperar o seu corpo. Este é um exemplo de uma força bem adestrada, bem liderada e coesa. Contudo, essa valentia não significa que nossas FA estejam preparadas para lutar contra forças que empregam táticas de *4GW*.

Recentemente, o *Major General* Bill Moore, ex-líder dos Boinas Verdes do Exército norte-americano disse que “um dos erros que não cometemos no Afeganistão foi desdobrar soldados não adestrados e inexperientes, como fizeram os soviéticos. Esta é a distinção entre as FA dos EUA e de quase todas as FA do mundo — nossos soldados são eficazmente adestrados e liderados”.²²

O General Moore fez referência às lições aprendidas dos erros soviéticos. Enquanto é verdade que nossos soldados estão bem adestrados, também é verdade que até agora não desdobramos um grande número de tropas não adestradas no Afeganistão. O que não demonstramos ainda é que somos capazes de travar a Guerra de 3ª Geração (a de manobra), sem mencionar a de *4GW*. Até agora, só as FOpEsp, inclusive aliadas têm demonstrado a capacidade de realizar operações da guerra de manobra.

Idéias para Consideração

Em termos militares, ainda não demonstramos a capacidade de travar a *4GW*. Em primeiro lugar devemos entendê-la e, para tal, dependemos do estudo e do pensamento. Parece haver pouco pensamento sobre este tema na instituição da profissão das armas. As escolas superiores de guerra estão dedicadas ao princípio do pensamento mas, parece que somente formam clones dos generais da I GM. Nossa reação, em virtualmente todos os conflitos, é aplicar, de forma liberal, a potência da fogo. Até mesmo o inovador estudo da Escola Superior de Guerra do Exército, conhecido por “Exército após o Próximo”, concentrou-se somente num novo sistema de equipamento: o Sistema de Combate Futuro.

Somos uma força de *2GW* tentando lutar a *4GW*. Antes de começarmos a aprender a lutar a *4GW*, devemos aprender a Guerra de 3ª Geração (guerra de manobra). Temos de reavivar o ensino da guerra de manobra no sistema de educação militar e devemos praticar a manobra nos centros de adestramento. Devemos realizar a guerra de manobra em cada oportunidade que tivermos no campo de batalha — antes de começar a aprender 4ª Geração de Guerra. Podemos nos adaptar? Em quanto tempo? Quem liderará?

Em termos da *4GW*, devemos pensar em como abordar esta nova geração de guerra. John Boyd ofereceu algumas perspectivas sobre a maneira de lutar em seus pensamentos da Guerra Moral.²³ Pouca gente reconhece o fato de que Boyd identificou três categorias de conflito: a guerra de atrito, o conflito de manobra e o conflito moral. A maioria reconhece as duas primeiras categorias identificadas por Boyd, mas o conflito moral é o menos entendido. Boyd declara que este é o tipo de conflito que foi praticado pelos mongóis, pela maioria dos líderes guerrilheiros, por algumas forças de contraguerrilha e por vários outros, desde Sun Tzu e Musashi²⁴ até o presente.

A essência do conflito moral é extraída da apresentação de Boyd sobre os “Padrões do Conflito” (ver Figura 1). É fácil reconhecer o grupo Al Qaeda mas, é fácil prever



Figura 1. A Essência do Conflito Moral de Boyd



Departamento de Defesa

O deslocamento de forças da coalizão nas montanhas perto de Tora Bora, Afeganistão.

a reação deste? Boyd nunca proporcionou nenhuma receita particular para a Guerra Moral, mas acredita que a resposta esteja no seguinte: “Introduzir-se nos ciclos de observação, orientação, decisão e ação do inimigo (em todos os níveis), sendo o mais sutil, menos evidente, mais irregular e mais rápido — e mesmo assim, parecendo ser o contrário.”

No nível tático, Boyd acreditava que a complexidade (técnica, organizacional, operacional, etc.) faz com que os comandantes e soldados sejam escravos de suas próprias dinâmicas internas ou interações — e por isso, não são capazes de adaptarem-se às mudanças de circunstâncias externas ou internas. No nível estratégico, a manobra/contra-manobra sugere que precisamos considerar o potencial para uma variedade de possibilidades:

Mudanças rápidas entre diversas possibilidades simultâneas e sequenciais permitem gerar repetidamente disparidades entre as ocorrências e os esforços que o adversário observa ou imagina e àqueles aos quais deve responder (para sobreviver).

Sem o emprego de diversas possibilidades, o adversário tem a oportunidade de analisar e de se adaptar às ocorrências à medida que vão acontecendo.

Conseqüentemente, surge a pergunta: Como estamos apresentando ao grupo Al Qaeda várias ameaças distintas em muitos níveis diferentes? Estamos considerando a 4ª Geração como “*Ai Uchi*”, isto é, cortando o inimigo da

mesma maneira que ele nos corta? Precisamos formular novas idéias de operações especiais que reflitam “*Bunbu Itchi*”, ou “caneta e espada em harmonia”. Talvez estejamos agindo dessa maneira, mas não temos certeza, e além disso, parece também que os membros do Al Qaeda

O combate nas montanhas de Tora Bora não demonstrou que as FOpEsp eram mais aptas que as forças convencionais empregadas na Operação Anaconda, mas uma pequena presença americana, em vez de grande, parece ser a maneira ideal para combater este tipo de adversário. Melhor dito, as operações Tora Bora e Anaconda demonstram que as FOpEsp são tão eficazes quanto uma grande força americana, com todos os meios de comando, controle e posicionamento.

se encontram muito à vontade em suas cavernas e com seus amigos paquistaneses. Nem todas as ações devem ser de natureza militar. Na verdade, a maioria não deve ser de ações militares, se somos capazes de entender os ensinamentos de Sun Tzu.

Botas no terreno são um fator importante mas, vale mais a pena ter botas “inteligentes” no terreno. Há uma

grande demanda pelas FOpEsp. Essas forças vêm se adestrando para operar neste tipo de ambiente por mais de 40 anos; portanto não é de se estranhar que essas pequenas equipes estejam habilitadas para a guerra não convencional. Suas equipes e capacidades excelentes são capazes de realizar mais neste tipo de ambiente do que divisões completas de forças convencionais, com grande presença logística e alvos atrativos. As FOpEsp dos EUA também têm seus pontos fracos. As operações psicológicas e os assuntos civis formam parte das operações especiais. Tradicionalmente, existem estreitos laços entre as operações de inteligência e as operações especiais. Esta combinação de capacidades no nível operacional e tático proporciona uma força poderosa com a qual podemos enfrentar o terrorismo. As forças convencionais terão oportunidade de lutar contra outros inimigos em outros campos de batalha, mas neste campo têm utilidade limitada.

A Guerra de 4ª Geração tem de ser combatida no terreno “dominante moral”. Não podemos dar tanta ênfase

Botas no terreno são um fator importante mas, vale mais a pena ter botas “inteligentes” no terreno. Há uma grande demanda pelas FOpEsp. Essas forças vêm se adestrando para operar neste tipo de ambiente por mais de 40 anos; portanto não é de se estranhar que essas pequenas equipes estejam habilitadas para a guerra não convencional. Suas equipes e capacidades excelentes são capazes de realizar mais neste tipo de ambiente do que divisões completas de forças convencionais, com grande presença logística e alvos atrativos.

a este conceito. Será necessário uma combinação de idéias e forças estratégicas, operacionais e táticas para conquistar o “terreno dominante moral” na luta contra o terrorismo ou qualquer outra forma de *4GW*. John Boyd descreveu várias ações que podem ser tomadas para alcançar o alto terreno moral:

- Debilitar as causas guerrilheiras e destruir sua coesão ao demonstrar a integridade e competência do governo para ser representante do povo e para servir as suas necessidades — ao invés de explorá-lo e empobrecê-lo, em benefício de uma elite mesquinha.

- Tomar a iniciativa política para erradicar e castigar publicamente a corrupção, assim como eliminar, pela raiz, os motivos de protestos.

- Infiltrar os movimentos guerrilheiros e empregar a população civil para coletar inteligência sobre a guerrilha.

- Empregar peritos em administração, forças poli-

ciais, e equipes de contraguerrilha móveis nas regiões afetadas.

- Conquistar e manter a iniciativa através de uma perseguição inexorável. Empregar as mesmas táticas da guerrilha com exploração, infiltração, ataques e incursões rápidas e emboscadas repentinas para pressionar os grupos guerrilheiros e dificultar o estabelecimento de acampamentos básicos.

- Enfatizar a captura e a conversão à causa do governo — ao invés de utilizar medidas brutais de represália contra a população e a mentalidade de “contar cadáveres” — como base para enfraquecer a influência da guerrilha.

- Possibilitar o envolvimento do governo central com a reforma local política, econômica e social, para conectar aquele governo com as esperanças e necessidades do povo e com isso ganhar seu apoio e confirmar a legitimidade do mesmo.

- Destruir a coesão guerrilheira e romper seu controle sobre a população através de iniciativas políticas que demonstrem a legitimidade moral e a vitalidade do governo, assim como mediante operações militares contínuas que enfatizam o movimento sigiloso, o rápido ritmo operacional, a fluidez de ação e a coesão do esforço geral.²⁵

Boyd não tinha nenhuma idéia do tipo de guerra global que atualmente enfrentamos, com terroristas preparados para sacrificar a própria vida para levar a guerra ao inimigo. Mesmo assim, é quase certo que ele manteria sua posição de como travar a guerra moral, exatamente como a delineou, para criar as disparidades essenciais para a derrota do inimigo.

O Chefe do Estado-Maior Conjunto dos EUA, General Richard B. Myers da Força Aérea, pensa que a guerra atual contra o terrorismo internacional é significativamente parecida com a II GM. Recentemente o General declarou ao Congresso: “Durante a II GM, as FA demonstraram uma capacidade extraordinária de aprender de suas experiências.” No início da guerra, enfrentaram algumas situações para as quais não foram preparadas, mas foram capazes de adaptar-se em meio ao conflito e, em pouco tempo, haviam estabelecido um grau superior de cooperação e eficiência no combate. Hoje em dia enfrentamos uma tarefa similar — derrotar inimigos múltiplos que são capazes de nos atacar usando meios assimétricos, desde qualquer parte do mundo. Para ganhar esta nova guerra mundial será necessário exibir a mesma flexibilidade para a adaptação às condições em constante mutação.²⁶

O Gen Myers tem razão com relação à necessidade de “adaptação” no manejo das condutas criadas pelo inimigo e na criação de nossas próprias para o inimigo. Poderíamos até usar o termo “transformação”. Não podemos é nos dar o luxo de manter forças armadas de apenas uma ou duas dimensões. Não devemos restringir a definição de

“transformação” a uma única ocorrência, quando muito pouco é feito nas organizações ou na política. A transformação e a adaptação devem ser fundamentais em qualquer capacidade para garantir a defesa nacional e, em particular, para combater a Guerra de 4ª Geração. E isto começa com organizações onde seus membros pensam. Nossas forças militares devem ser capazes de se transformar segundo o ambiente em que se encontram para sobreviver e alcançar a vitória. Isso também significa a transformação de nosso pensamento sobre o combate e a maneira como realizamos as operações. Travar uma Guerra de 4ª Geração é muito diferente de travar uma Guerra de 2ª Geração. O Al Qaeda pode atacar os EUA usando as táticas da 4GW, mas o dilema que enfrentamos é que as FA devem ser capazes de travar e vencer todas as formas de guerra.

Como diria qualquer oficial americano, a força das FA dos EUA está não em seus generais, mas no seu eficiente quadro de sargentos. Estes sargentos que pensam e atuam de forma excelente, têm a missão de adestrar seus soldados, apesar dos horários de adestramento e das ordens emitidas dos escalões mais altos. São poucas as dúvidas do porquê os centros de adestramento são dominados por sargentos — simplesmente porque eles sabem como adestrar. O adestramento é chave para o êxito no campo de batalha. Como disse o Gen Douglas MacArthur: “No campo da competição amistosa são lançadas as sementes que, em outros tempos e em outros campos, darão os frutos da vitória.” MacArthur falava dos esportes de equipe, mas a essência do esporte é ensinada pelo treinador da equipe, e em termos militares o treinador é o sargento mais próximo.

A Guerra do Vietnã presenciou a introdução do “sargento instantâneo”, um conceito que foi aterrorizante para o corpo de oficiais. Como resultado, muito da responsabilidade e da autoridade dos sargentos foi assumida pelo corpo de oficiais. Embora as responsabilidades tenham sido devolvidas em algumas áreas, a autoridade havia sido perdida. Não obstante, o corpo de sargentos renasceu e assumiu a liderança onde esta se encontrava ausente ou mesmo quando estava presente. Muito do micro-gerenciamento exibido por oficiais e generais poderia ser vinculado à Guerra do Vietnã. Talvez tenhamos esquecido como liberar nossos subalternos para que cumpram suas missões. O Chefe do Estado-Maior Conjunto deve institucionalizar a adaptabilidade da qual fala.

Conclusões

A administração do Presidente Bush tem se esforçado muito para enfrentar esta guerra de acordo com a necessidade. A seriedade com a qual o Presidente encara o assunto torna-se evidente através dos recursos que ele vem empregando. Ainda há muito que ser

feito para que esse assunto seja eficazmente abordado. Temos de convencer os terroristas e suas famílias, bem como os seus líderes, de que o terrorismo é moralmente errado e não para ser celebrado. É um desafio para qualquer líder político porque trata de diferenças religiosas, econômicas, políticas e entre sociedades. Não obstante é um desafio que devemos aceitar e enfrentar, se quisermos sair vitoriosos.

O que é a vitória e quando saberemos com certeza que a alcançamos? É questionável a existência de uma resposta a esta importante pergunta. Além disso a pergunta é pretensiosa. É possível que não vençamos, se persistirmos observando a situação desde uma ótica exclusivamente ocidental. A ameaça é considerável, e são poucos os americanos que se dão conta de sua magnitude. Entretanto, será necessário muito mais que os componentes da Ativa e da Reserva do Exército, do Corpo de Fuzileiros Navais, da Aeronáutica e da Guarda Costeira para alcançar a vitória nesta situação.

Podemos nos engajar em Guerra de 4ª Geração e vencer? Ainda não temos a resposta. Tivemos algum êxito no Afeganistão, porém o deslocamento de tropas convencionais para a Operação Anaconda representou a volta a um conceito fracassado. Não importa a quantidade de aeronaves não tripuladas (VANTs) Predators dotadas de mísseis Hellfire, nem a quantidade de fotos tiradas por satélites, nem as mensagens interceptadas pelos meios de inteligência — nesta guerra, como em todas as outras, a vitória, ou a derrota, será alcançada por intermédio das idéias.

Até o momento, nossas FA têm obtido resultados inconclusivos nos seus esforços para enfrentar o conceito de Guerra de 4ª Geração. Temos o potencial para enfrentar a 4GW ao aprendermos com as FOpEsp e suas experiências, e ao aplicá-las em novas formas, com base no nosso pessoal e suas idéias — não obteremos a resposta desejada se continuarmos dependentes da tecnologia. Fracassaremos se insistirmos em empregar métodos militares tradicionais da 2ª Geração, ou seja, desdobrando forças convencionais em locais e situações nos quais são inapropriadas.

Podemos nos engajar em Guerra de 4ª Geração e vencer? Ainda não temos a resposta. Tivemos algum êxito no Afeganistão, porém o deslocamento de tropas convencionais para a Operação Anaconda representou a volta a um conceito fracassado. Não importa a quantidade de aeronaves não tripuladas (VANTs) Predators

dotadas de mísseis *Hellfire*, nem a quantidade de fotos tiradas por satélites, nem as mensagens interceptadas pelos meios de inteligência — nesta guerra, como em todas as outras, a vitória, ou a derrota, será alcançada por intermédio das idéias.

Já é hora para adaptar nossas táticas, técnicas, pensamento operacional e inclusive o “Modo de Guerra Americano” para combater um inimigo evasivo, determinado e letal que opera fora da estrutura de uma nação-estado, em um ambiente de 4ª geração. Devemos enfrentar as atuais ameaças da 4ª geração com melhores idéias, assim como com o espírito de Masashi de *shin-ken sho-bu...*, com todo o nosso ímpeto!²⁷

O *Major General* (Res) Bill Moore salienta que nossos soldados, especialmente das FOPEsp, foram adestrados no nível tático para se adaptar, agir independentemente e enfrentar condutas. Isso parece ser mais verdadeiro com relação às FOPEsp do que com as nossas forças conven-

cionais. A ação independente nos níveis mais baixos, realizada por forças semi-autônomas é uma parte da resposta para combater o Al Qaeda e outros combatentes da Guerra de 4ª Geração em seu próprio terreno. A verdadeira resposta se encontra no pensamento de nossos líderes. Ainda estamos muito longe da aceitação da guerra de manobra ou da de 4ª Geração na hierarquia das FA dos EUA. Outro indício pode ser encontrado na abordagem de Boyd sobre a guerra moral. Devemos constantemente criar nossas próprias condutas para o inimigo. Ao invés de micro-gerenciamento desde os altos níveis, a resposta pode ser uma aproximação “de baixo para cima”. O fato de o *CENTCOM* permanecer em Tampa — fora do teatro de operações — tende a reforçar o conceito de pequenas unidades confiáveis que carreguem consigo grande poder de combate para lutar a Guerra de 4ª Geração.

Sem dúvida, as FOPEsp têm a idéia certa. Podem o restante das Forças Armadas aprender com elas a tempo? **MR**

Referências

1. A doutrina da Batalha Ar-Terra do Exército, dos primeiros anos da década de 80, era muito parecida a guerra de manobra. Os Fuzileiros Navais foram mais sérios com respeito à guerra de manobra e a estudaram em seus centros de adestramento durante os anos 80. A eficácia da Primeira Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais, cujos líderes empregaram as táticas de guerra de manobra flanqueando os numericamente superiores defensores na cidade de Kuwait durante a Guerra do Golfo Pérsico demonstrou a validade da doutrina da guerra de manobra. Ver também: Departamento de Defesa do Governo dos EUA, o digníssimo Richard Cheney, “Annual Report to the President and the Congress”, fevereiro de 1992, p. 121.
2. A Turquia secular, por exemplo, é um excelente alvo para o ataque. Ver Andrew Borowiec, “Turkey Target for Terrorists”, Washington Times (1º de maio de 2002).
3. William M. Carpenter e David G. Wiencek, “Piracy on the South China Sea”, Projeto de Investigação, apresentado na Conferência do Mar do Sul de China, American Enterprise Institute, 7-9 de setembro de 1994, p. 4.
4. “Ciclos OODA” descrevem um processo para ficar a frente do ciclo de decisões do inimigo. As siglas significam Observar, Orientar, Decidir e Atuar. Este processo é dependente do tempo, isto é, deve ser realizado antes que o oponente o faça, implica um processo contínuo que Boyd chama de “espiral da morte”. Outros conceitos e idéias de Boyd estão disponíveis na página web www.d-n-i.net. O termo Ciclo OODA (OODA Loop) é usado universalmente e pode ser encontrado em textos modernos de adestramento para pessoas de negócios como uma estratégia para enfrentar seus competidores.
5. William S. Lind, *Maneuver Warfare Handbook* (Boulder, Colorado: Westview Press, 1985).
6. William S. Lind, “*The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*”, Marine Corps Gazette (outubro de 1989), pp. 22-26.
7. *Ibid.*
8. O Tenente-Coronel Thomas X. Hammes, “The Evolution of War: The Fourth Generation”, Marine Corps Gazette, (setembro de 1994). Todos os artigos com referência à Guerra de 4ª Geração podem ser vistos na página web www.d-n-i.net.
9. William S. Lind, Maj John F. Schmitt, e Coronel Gary I. Wilson, “*Fourth Generation Warfare: Another Look*”, Marine Corps Gazette, (dezembro de 1994), pp. 34-37.
10. Harold A. Gould e Franklin C. Spinney, “*Fourth-Generation Warfare Is Here*”, Defense Week (15 de outubro de 2001). Artigo disponível na www.d-n-i.net.
11. Dan Eggen e Bob Woodward, “U.S. Develops Picture of Overseas Plot: Hijack-

- ers Spent \$500,000; at Least 4 Trained in Afghan Camps,” Washington Post (29 de setembro de 2001), p. A1.
12. James Fallows, “Behavior Modification”, The Atlantic Monthly (abril de 2002), pp. 28-29.
13. “Osama Bin Laden Biography and Psychological Profile,” Esta obra é da coleção privada de Greg Wilcox. Segundo o que sabemos, não foi publicada, mas foi distribuída através da internet. Ver também: os vídeos de Osama bin Laden publicado no Al Jazeera em novembro e dezembro de 2001.
14. Hammes, op.cit.
15. Governo dos EUA, Whitehouse Press Release: “Shutting Down the Terrorist Financial Network”, 7 de novembro de 2001.
16. Rowan Scarborough, “U.S. Learns From Mistakes of Soviets in Afghanistan”, Washington Times, (24 de abril de 2002).
17. Catherine Philp, “Inadequate US Troops Pulled Out of Battleground”, London Times (12 de março de 2002).
18. Ver o *Maneuver Warfare Handbook* de Lind.
19. Jason Vest, “Mountain Warfare Is Not the Only Thing Slowing Down the U.S. Army”, como apresentado em Franklin C. Spinney Blaster, “Subject: #442 – Captured by the One-Eyed Cyclops (I): Vest Report”, 22 de março de 2002, pp. 10-13. Ver: <http://www.d-n-i.net>.
20. Barton Gellman e Thomas E. Ricks, “U.S. Concludes Bin Laden Escaped at Tora Bora Fight”, Washington Post, (17 de abril de 2002).
21. Cf: Paul Haven, “Operation Anaconda Under Scrutiny”, c. The Associated Press, MILINET, 19 de março de 2002. John F. Burns, “The Battle: Mop-Up Units Find Few Bodies or Survivors,” New York Times, (17 de março de 2002). Dmitry Litvinovich, “The Anaconda Choked on Her Own Tail,” Pravda, (14 de março de 2002), Pravda.Ru.
22. Scarborough, op cit.
23. Boyd, op.cit., ver: “*Patterns of Conflict*”, <http://www.d-n-i.net>.
24. Ver: Miyamoto Musashi, *The Book of Five Rings*, traduzido por Thomas Cleary, Boston, Massachusetts : Shambhala Publications, Inc., 1993.
25. Boyd, *ibid.*, p. 92 de uma apresentação de 1979.
26. Paul Mann, “Modern Military Threats: Not All They Might Seem?”, Aviation Week & Space Technology, (22 de abril de 2002).
27. Ver: Miyamoto Musashi, *The Book of Five Rings*, traduzido por Thomas Cleary, Boston, Massachusetts : Shambhala Publications, Inc., 1993.

O Tenente-Coronel (Res) Greg Wilcox passou para a reserva em 1984 depois de servir em unidades de Cavalaria Blindada e Infantaria e de ter sido designado três vezes para o Vietnã.

O Coronel (Res) G. I. Wilson foi um dos autores da obra original sobre a Guerra de Quarta Geração e tem sido um autor destacado sobre o tema.